

UTI (30,6%) dos quais 27 vacinados (10,7%) e 225 (89,3%) não vacinados, idade mediana 60 anos (0-96); 157 masculinos; 95 femininos; 117 óbitos (14,2%) dos quais 19 em vacinados (16,2%) e 98 em não vacinados (83,8%), idade mediana 67 anos (26-96); 73 masculinos, 44 femininos; dados dos 53 vacinados: idade mediana 71 anos (37-93); 31 masculinos (58,5%); 22 femininos (41,5%); 27 internaram em UTI (50,9%), idade mediana 73 anos (48-93); 19 óbitos (35,8%), idade mediana 76 anos (48-93), 12 masculinos (63,2%), 7 femininos (36,8%); mediana de dias entre a data da 2ª dose da vacina e início dos sintomas 93 dias; dados dos 771 não vacinados: idade mediana 51 anos (0-97); 468 masculinos (60,7%); 303 femininos (39,3%); 225 internaram em UTI (29,2%), idade mediana 58 anos (0-96); 141 masculinos (63,1%) e 84 femininos (36,9%); 98 óbitos (12,7%), idade mediana 65 anos (26-96); 61 masculinos (62,2%) e 37 femininos (37,8%).

Conclusões: 1. Comparação entre pacientes admitidos em 2020 e 2021: a idade diminuiu, ocorreram pequenas variações no percentual de admitidos em UTI e óbitos sem significado estatístico ($p=0,7$ e $0,2$ respectivamente); 2. Comparação entre pacientes de 2020 (todos não vacinados) e não vacinados de 2021: a idade diminuiu no total e nas internações em UTI, refletindo a população mais jovem em 2021, a ocorrência de internações em UTI se manteve a mesma, houve aumento de óbitos sem diferença significativa ($p=0,6$); 3. Em 2021 a mediana de idade dos vacinados, no total e na admissão em UTI, é maior do que dos não vacinados, e os percentuais de admissão em UTI e óbito são maiores ($p < 0,01$).

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101787>

EP 052

CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA SOBRE COVID-19 E FATORES ASSOCIADOS NOS PRIMEIROS MESES DA PANDEMIA

Davi Amaral Cesário Rosa,
Stéfanny Santos de Sousa,
Murillo Nasser Rayol da Silva,
Lauanda Raíssa Reis Gamboge,
Rodolfo Deusdará, Juliana de Souza Lapa

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

Introdução/Objetivo: Em uma pandemia, espera-se que conhecimentos, atitudes e práticas influenciem intensamente o grau de adesão a medidas não farmacológicas, construídos a partir da qualidade das informações obtidas pela população, e desempenhando um papel importante na prevenção e controle da doença. No Brasil, durante a pandemia de COVID-19, observou-se grande influência de informações equivocadas e tecnicamente incorretas, chamadas “fake news”. Desse modo, o objetivo deste estudo foi avaliar conhecimentos, atitudes e práticas de brasileiros com relação à COVID-19, e os fatores sociodemográficos que os influenciam.

Métodos: Estudo transversal através de um questionário online aplicado em amostra de conveniência, recrutada entre 16 e 26 de maio de 2020 por snowball sampling. O questionário (elaborado com base nos tópicos sugeridos em

consulta prévia a uma amostra menor) consistia em duas sessões, a primeira coletando dados sociodemográficos, aspectos individuais e contato com COVID-19, e a segunda com 16 questões sobre COVID-19, abordando conhecimentos, atitudes e práticas, incluindo tópicos relacionados à fake news de grande circulação naquele momento. Todas as análises foram realizadas no STATA.

Resultados: A amostra era composta por 447 pacientes, 75% do sexo feminino, cuja mediana de idade era 34 (FIQ = 24-45) anos. Mais de metade dos participantes moravam na região Centro-Oeste. Aqueles que haviam completado o ensino superior superavam 50% da amostra, e menos de 2% não havia concluído o ensino médio. 41,36% da amostra era de estudantes ou profissionais da saúde. A porcentagem de acerto em cada questão do questionário variou entre 68% e 97%. A mediana de pontuação geral de 14 (FIQ = 13-15) em um total de 16, sendo maior entre aqueles com maior nível educacional (OR = 2,49, IC95 = 1,15-5,37), e entre os que estudavam ou trabalhavam na área da saúde (OR = 1,62, IC95 = 1,05-2,48).

Conclusão: O estudo avaliou o conhecimento sobre COVID-19 entre brasileiros, 2 meses após o primeiro caso de COVID-19 identificado no país. A mediana de pontuação foi alta, a partir do que se infere que a maioria dos participantes apresentava bom nível de conhecimento sobre a doença. Em consonância com outros estudos, aqueles com maior nível educacional e os que eram estudantes ou profissionais da área da saúde mostraram melhor desempenho. Acredita-se que isso seja devido à maior exposição a fontes de informações cientificamente acuradas, providas de fontes confiáveis.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101788>

EP 053

CONTROLE DO SURTO DE COVID - 19 EM UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE MARINGÁ-PR

Ana Cristina Medeiros Gurgel,
Maria Gabriela Lopes,
Catarina Paganelli Silveira Bazan,
Jaqueline Forestieri Bolonhez

Hospital Santa Rita de Maringá, Maringá, PR, Brasil

Introdução/Objetivo: O Hospital Psiquiátrico de Maringá - PR, tem a peculiaridade de apresentar leitos dispostos em alojamentos conjuntos (total de 252 leitos SUS dispostos em vários setores), o que favorece a transmissão de doenças virais, principalmente as respiratórias. Diante da pandemia de COVID 19 e um surto inicial ocorrido na instituição mesmo com todos os cuidados básicos respeitados, foi necessário estabelecer um plano de contingência mais rígido, tanto para a segurança dos pacientes como dos funcionários e familiares. O objetivo inicial foi diagnosticar precocemente e imediatamente isolar os pacientes infectados, diminuindo assim a chance de disseminação da doença e o surgimento de novos surtos.

Métodos: Os paciente já eram avaliados na admissão quanto a presença de sintomas gripais associados ou não

febre, alterações laboratoriais ou em exames de imagem. Os pacientes eram encaminhados a áreas menores dentro da instituição, para que pudessem permanecer durante o período de quarentena (14 dias). Foram alocadas para este fim, 4 áreas com 15 pacientes cada. Durante o isolamento, caso algum paciente apresentasse qualquer sinal ou sintoma sugestivo da doença, já era encaminhado automaticamente para isolamento individual com coleta do PCR por swab nasal e cuidados específicos, além da suspensão de visitas.

Resultados: Com o plano de contingência posto em prática, percebeu-se uma redução na transmissão da COVID-19 dentro da instituição referida.

Conclusão: Com o planejamento adequado e o isolamento dos pacientes associados ao diagnóstico precoce, à diminuição da aglomeração e à medidas restritivas direcionadas, o surto pôde ser contido, além de terem sido evitados novos casos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101789>

EP 054

COVID-19 SE APRESENTANDO COMO UMA DOENÇA EXANTEMÁTICA: UM RELATO DE CASO

Matheus Todt Aragão^a,
Eusébio Lino dos Santos Júnior^b,
Tainah Dantas Ataíde^c,
José Seabra Alves Neto^d,
Nathalia Vasconcelos Barroso Todt Aragão^c

^a Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

^b Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil

^c Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, SE, Brasil

^d Centro Especializado Oftalmológico Queiroz (CEOQ), Itapetinga, BA, Brasil

Desde o início da pandemia do COVID-19, a maioria dos estudos focou em adultos sintomáticos. A caracterização das manifestações clínicas e laboratoriais na população pediátrica é essencial para orientar o cuidado desses pacientes para prever a gravidade da doença e determinar o prognóstico. Ao contrário do que é observado em adultos, a maioria das crianças apresenta condições leves e muitas vezes são assintomáticas. As erupções cutâneas são caracterizadas por eritema agudo, rapidamente progressivo, geralmente de curta duração. São manifestações usuais de diversas doenças relacionadas à infância, desde causas infecciosas, até indeterminadas. As infecções virais são uma das principais causas de erupção cutânea em crianças. Neste relato será descrito o caso de uma criança com rash cutâneo inespecífico secundário ao COVID. Menina de 3 anos, hígida, sem alergias nem uso de medicamentos ou exposições importantes, iniciou febre alta com astenia importante há 3 dias, sem sintomas respiratórios ou diarreia. Após a defervescência, surgiu

rash cutâneo maculopapular pruriginoso difuso. Na investigação de doença exantemática, foi solicitada RT-PCR para SARS-CoV-2, cujo resultado foi detectável. A paciente recebeu sintomáticos e cerca de seis dias depois teve melhora das lesões cutâneas. Crianças com COVID-19 geralmente apresentam manifestações mais leves, possivelmente devido à subexpressão da enzima conversora de angiotensina (ECA). Dentre os sinais possíveis, lesões dermatológicas estão incluídas. Os mecanismos fisiopatológicos que potencialmente explicam tais achados são uma resposta de hipersensibilidade ao vírus, liberação de citocinas, deposição de microtrombos e vasculite. Em um estudo italiano, 44% dos pacientes desenvolveram lesões cutâneas. Estas são geralmente autolimitadas e não necessariamente ligadas à pior evolução. O diagnóstico diferencial é difícil e inclui outras doenças virais, alergias e farmacodermias. O conhecimento de que a COVID-19 também produz repercussões extrapulmonares subsidia o reconhecimento das manifestações dermatológicas. A população pediátrica costuma apresentar sintomas leves e o aparecimento da erupção não se mostra um indicativo de gravidade. Portanto, a identificação e diferenciação das afecções exantemáticas em crianças decorrentes do COVID-19, embora pouco frequentes, são relevantes, pois essa população pode representar uma fonte de alta transmissibilidade.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101790>

EP 055

DESCRIÇÃO DE VÍRUS PERTENCENTES A FAMÍLIA CORONAVIRIDAE EM MORCEGOS NO CERRADO CENTRAL-BRASILEIRO

Juliana Santana de Curcio^a,
Marcelino Benvindo-Souza^b,
Daiany Sotero Folador^b, Livia do Carmo Silva^a,
Igor Godinho Portis^b,
Marco Tulio A. Garcia-Zapata^a,
Carlos Eduardo Anunciação^a,
Daniela de Melo e Silva^b,
Elisângela Paula Silveira Lacerda^a

^a Unidade Sentinela, Centro de Referência em Medicina Internacional e de Viagem, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

^b Laboratório de Mutagenese, Departamento de Genética, Instituto de Ciências Biológicas I, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Introdução: Em 2019 iniciou-se há pandemia da Covid-19, causada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2) (Zhoe, P et al., 2020). SARS-Cov-2, pertence ao gênero Betacoronavirus e família Coronaviridae (Coronaviridae Study Group, 2020). A origem provável deste vírus ainda é desconhecida, porém amostras de morcegos apresentaram vírus com sequências similares a de SARS-Cov-2 (Zhou, P et al., 2020). Os morcegos estão entre os mamíferos mais abundantes, sabe-se que estes animais são hospedeiros de muitos vírus causadores de doença em